

O Tipo Ideal de Inquisidor Moderno: imaginário e conceituação

Prof. Dr. Carlos André Macedo Cavalcanti (UFPB)

“O gênio de uma religião, e nomeadamente o ‘gênio do cristianismo’, não pode residir na aliança oportunista com as ideologias da moda, que são efêmeras. O próprio da história é a dialética: o amanhã queima o que ontem foi adorado. Infeliz a religião, a ética que aceita tal oportunismo! O gênio de uma religião está, ao contrário, no aprofundamento hermenêutico das recorrências que, ultrapassando o efêmero, marcam a eternidade e a universalidade do homem: Semper et ubique. A esse gênio pertence a chave das estações e dos dias, a posse de um tempo que desafia para sempre a destruição entrópica e a morte” (Durand, 1995, p. 77).

O Inquisidor Moderno foi, dialeticamente, ator desta historicização do cristianismo e, ao mesmo tempo, mantenedor – nos primeiros decênios – de notórias crenças místicas. Para desvendar os valores e as imagens que compõem o Tipo Ideal de Inquisidor Moderno, partimos da constatação da tensão constante entre a opção ascética do Tribunal, que imprimiu uma vitoriosa pedagogia de valores “arcaicos” em plena era moderna, e, paradoxalmente, sua ação desmitologizadora, que tornou os “homens da fé” verdadeiros agentes do desencantamento modernizador do mundo. Este tipo ideal que propomos apresenta uma inovação em relação à noção weberiana clássica. Aqui, admitimos que a atuação das incidências históricas, sociais e culturais (ver Durand, 1982, p. 59) dá-se no tempo longo e pode promover inovações e substituições valorativas que, no entanto, permanecem dentro do mesmo tipo ideal e referem-se ao mesmo “contexto histórico”. As componentes valorativas deste tipo ideal estão apresentadas a seguir (1).

1-O Ascetismo Católico Tradicional. Trata-se de um “retorno” para o campo católico de um valor que dele teria se afastado durante a Reforma Protestante, que o reivindicou e acolheu: o ascetismo monástico medieval. A Inquisição, porém, em harmonia com as ações da chamada *contra-reforma*, foi uma mantenedora desta ascese que recrudescer no catolicismo. Referindo-se à obra de Sebastian Franck, Weber lembra este processo ao escrever que, depois da Reforma, “*todo cristão tinha que ser monge por toda sua vida*” (Weber, 1983, p.84). Este ascetismo, na leitura católica, liga o fiel a Deus sem a concorrência de valores imanentes, mas também disciplina a produção na tradição da Regra de São Bento, além de promover a retidão, como ensinou Santo Antão. O ideal ascético do cristão medieval pode ser percebido no cotidiano da época: o dia-a-dia em torno de orações e promessas; a disciplina no trabalho; a unidade monogâmica da família; o apoio às ações da Igreja (missas, procissões, construções de templos, etc.) e o respeito à autoridade do clero nas questões mundanas, além das teológicas. Alguns destes valores – mais que outros – se coadunam em paralelo ao sistema valorativo da Inquisição e todos *constelam* harmonicamente na Europa Moderna. No século XVIII, o setor do clero que atuava em ações inquisitoriais suplantou o Ascetismo Católico Tradicional com outro valor: a Abjuração do Medo pela Imanência.

2-A Superação da Morte. A Inquisição Moderna, em seu paradoxo, desqualificou paulatinamente a morte enquanto busca de purificação, na medida em que buscou encontrar no *Divino* as componentes da *Natureza*. Segue, assim, o que chamaríamos de *tempificação* da fé ou sua historicização. O aprofundamento do ato racional-investigativo nos processos inquisitoriais levou, no tempo longo, ao abrandamento das penas e à descrença no valor das práticas mágicas. A desqualificação da mística presente nas culpas de magia, feitiçaria e mesmo, possivelmente, de judaísmo implica – e revela – a sua componente complementar: investiga-se o *ato humano em si* e não seu caráter pecaminoso na relação com Deus. Isto fez aflorar um senso de justiça que iria prescindir, mais tarde, das idéias de pecado e perdão pelas de crime e reeducação. A investigação inquisitorial ergueu-se como um valor em si na busca da verdade processual das provas. Nos processos inquisitoriais, a morte foi perdendo lentamente o sentido que lhe dava a cultura tradicional, já que não mais seria uma purificação para o pecador, mas uma pena baseada num senso

moderno de proporcionalidade do crime e de efeito pedagógico para a sociedade. Há uma conseqüência cultural profunda nesta “secularização” da justiça: a substituição da idéia de pecado pela noção de crime é, sem dúvida, uma das mais marcantes.

A cultura se constrói sobre a concepção que se tem da morte. “Cultura é, para Weber, certamente, a capacidade especificamente humana de colocar a morte na fileira dos mais significativos acontecimentos da vida” (Diehl, 1996, p. 134). O orgulho investigativo dos inquisidores, de origem medieval, está no próprio significado da palavra inquisição. Nele, apresenta-se com anterioridade uma prática jurídica cara aos juízes contemporâneos do Ocidente, que é privilegiar a prova diante dos indícios, ou seja, compor os autos do processo com a “verdade” factual (2). Este valor de tipo ideal também poderia ser denominado como *ato racional-investigativo*.

3-A Abjuração do Medo pela Imanência. Num processo que atingiu a cultura cristã como um todo, a Inquisição venceu a era do medo (ver Delumeau, 1989) com o conhecimento imanente do místico, desmistificando-o pela *árvore do conhecimento*. Esta desmistificação representou, naturalmente, o enfraquecimento valorativo da Ascese Católica Tradicional no século XVIII. Após a superação do medo sobreveio o desprezo pelo místico, numa expectativa tipicamente iluminista de ser possível explicar o mundo desvendando-o na descoberta da regularidade de suas leis. Os processos inquisitoriais refletem esta mudança da Pedagogia do Medo (Carvalho, 1987) para a Pedagogia do Desprezo, conceito que propus em trabalhos anteriores (ver Cavalcanti, 1991). Quando uma componente cultural – o medo, neste caso – já não promove a sensação de enfrentamento ou compreensão/aceitação da morte, torna-se sublimável para a cultura. O clero, marcado pelo medo obsidional de tantos séculos, percebeu esta Abjuração como um enfraquecimento da própria ortodoxia católica presente no Ascetismo Tradicional (descrito acima, na primeira componente), mas a introjetou como um “sinal dos tempos”. Estas duas componentes valorativas se excluem: a ascensão da Abjuração do Medo leva à latência do Ascetismo Tradicional.

4-A Hierarquização/Institucionalização da Fé. O Tribunal promoveu, para usar terminologia de Durand, a substituição e a sobrevalorização das hierarquias celestes pelas terrenas, num ato cujo simbolismo corre paralelo à consolidação das monarquias nacionais e, mais tarde, do absolutismo. Houve a centralização até dos atos cerimoniais da vida inquisitorial. Desta hierarquização surgiu uma ética pragmática em que os inquisidores agiam atrelados a interesses seus ou de outrem, distantes do significado básico da ação inquisitorial de outrora. A prática de uma “ética de responsabilidade” (*Verantwortungsethik*) (3), que percebe a conseqüência prática de seus próprios interesses acima dos valores religiosos esposados, levou os homens da fé a admitirem situações de “convívio” com o pecado ou com a heresia. Os inquisidores viveram intensamente esta *responsabilidade* na medida em que seu principal alvo – os judeus/cristãos-novos – tinha suficiente capacidade de articulação política para, através de um jogo de pressão que chegou até a suspender a ação do Tribunal algumas vezes (4), forçarem os “homens da fé” a responderem, pelo menos indiretamente, pelo resultado de suas ações. Por motivos diferentes, tanto no período inicial de consolidação do Tribunal quanto no período final de desarticulação do Santo Ofício, a *responsabilidade* sobrepujou a *convicção*. No final do século XVIII a ascensão da *ética de responsabilidade* deveu-se mais à necessidade de adequar o Tribunal à “luz do século” do que às pressões organizadas de grupos perseguidos (5). Esta sobrevalorização do clero é componente de toda a hierarquização religiosa. Em *A Economia das Trocas Simbólicas*, Pierre Bourdieu ressalta:

“É necessário que a profecia morra enquanto tal, isto é, como mensagem de ruptura com a rotina e de contestação da ordem ordinária, para sobreviver no corpo doutrinal do sacerdócio, moeda cotidiana do capital original de carisma (...)” (Bourdieu, 1992, p. 90).

Numa primeira elaboração, podemos afirmar que os valores correspondem às fases da História do Tribunal, revelando que o Tipo Ideal de Inquisidor Moderno só é perceptível com uma visão do conjunto seqüencial de tais

etapas. O Ascetismo Católico Tradicional volta-se para expressar o momento de fundação das inquisições ibéricas, em que a “purificação das almas” e a “pureza de sangue” eram as principais componentes legítimas do discurso inquisitorial. Décadas depois, a vivência do poder abriu caminho para outro valor: a hierarquização/institucionalização da fé, que representa uma Inquisição já amadurecida no jogo de símbolos cerimoniais que valem como ato de dominação nas sociedades monárquicas ou absolutistas. O século XVII viu surgir críticas mais sistematizadas contra o Santo Ofício. Também nesta época surgiu a literatura que duvidava da credibilidade das culpas mágicas e espirituais atribuídas aos réus: a morte deixou de ter um aspecto purificador (superação da morte). Enfim, o aprofundamento do descrédito místico provocou a lenta diluição do medo, abjurado pelo discurso iluminista que (re)hierarquizou a Inquisição, transformando-a em braço do Estado.

Os valores do tipo ideal estão, assim, no tempo histórico. Isto lança um problema para sua caracterização metodológica, pois a consolidação dos mesmos respeita o tempo, só se dando em plenitude do século XVII para o XVIII, quando ficou composta sua “constelação”. Aceitamos, então, que este *tipo* pode ser analisado na presença de três dos quatro valores, que são suficientes para elucidá-lo, desde que um deles seja o Ascetismo Católico Tradicional, o que só é possível até o século XVII. Para a fase posterior, é preciso identificar, ainda que sublimado, o próprio Ascetismo Tradicional.

Se apresentássemos este tipo em suas componentes superficiais, teríamos, aproximadamente, as seguintes noções inspiradas nas idéias de raiz do cristianismo e na atuação inquisitorial: busca da unidade de todos os homens em Cristo; moralização da vida cotidiana; combate às heresias; cristianização/evangelização e progressivo desprezo pelos mitos.

Partindo do posicionamento weberiano, propomos – para além dele – uma forma de compreensão da tipificação ideal da História. Ou seja, mesmo sendo uma abstração, pois aceitamos a constatação de que nenhum personagem histórico “real” contém todas as suas características plenamente otimizadas, um quadro tipificador é construído partindo-se do conhecimento empírico. Trata-se de uma associação de noções que percebem duplamente o objeto através das aproximações reflexivas. Faremos as aproximações temporais e as imagéticas. Mesmo que se cruzem permanentemente, é importante lançar aqui estas noções para a compreensão do leitor: a) as aproximações imagéticas são feitas no paralelo entre os personagens históricos (inquisidores, cujas obsessões de imagens encontram-se nos processos e regimentos do Tribunal) e a tipificação ideal acima descrita; b) as aproximações temporais são mais profundas, pois permitem a compreensão do trajeto do tipo ideal antes e depois do ápice constitutivo da realidade histórica referente àquela idealização. Ou seja, a tipificação é conceitualmente estática, mas os valores que a formam foram sendo construídos no *tempo histórico* e serão abandonados neste mesmo *tempo*. No uso do tipo ideal de capitalista moderno, por ele criado, Weber indica que uma tal noção é feita por tornar-se “*absolutamente necessária*”, pois “*sem isto (...), considerando-se a complexidade do material, uma formulação clara seria quase impossível.*” O cientista alemão reconhece, porém, que se trata de um recurso irrecorrível que nos leva, “*em certo sentido, (a) violentar a realidade histórica*” (Weber, 1983, p. 178). Em outras palavras, o tipo ideal é um recurso que torna a complexidade do objeto de estudo minimamente inteligível, mas arrisca simplificá-lo. A diferença desta para outras teorias é que em Weber esta limitação científica é reconhecida em vez de “maquiada”.

Podemos apresentar através de uma elipse a ascensão e a queda dos valores. A tendência da elipse corresponderia ao aumento progressivo e à posterior redução da presença do Tribunal na vida do Império português. Esta variação já foi mensurada em informações apresentadas por Maria de Fátima Dias dos Reis, da Faculdade de Letras de Lisboa, no Congresso Internacional sobre Inquisição (in Novinsky, 1992, p. 194). Os valores vão sendo agregados uns aos outros na medida em que se tornam hegemônicos, mas o inverso ocorre no processo seguinte: a desagregação.

É importante perceber que a curva de ascensão e queda representaria os inquisidores modernos no tempo, inseridos nos seus “fatos históricos” ou na “oscilação do real” em torno deles. O tipo ideal atua em paralelo analítico com os “dados reais”, que projetam-se em imagem no tipo ideal, condicionando a análise da História. Há consequências nisto: a) o conceito não reproduz a “realidade”, mas apenas refere-se a ela; b) a associação dos valores não se dá graças a leis gerais explicativas da História, mas a uma mútua atração entre eles, similar às estrelas que se “unem” em constelações, para usar um termo presente em Weber e Durand; c) a análise não atribuiu hierarquia entre as componentes valorativas do tipo ideal apresentado, mas constatou a atribuição hierárquica “determinada” pelo próprio objeto; d) os valores não surgem nem desaparecem, pois os mitologemas constituidores são universais e podem permitir a ascensão de componentes semelhantes em outros períodos históricos. Assim, quando a ascese católica “desaparece” nos séculos XVII, XVIII e XIX, não significa que ela deixou de existir, mas que teve seu valor diminuído pela “evolução” da mentalidade inquisitorial.

Os valores tipificados referem-se especificamente aos inquisidores modernos. A posterior continuidade da desmitologização, que estamos seguindo até hoje, onde a componente inquisitorial teve papel relevante, não nos interessa aqui. As componentes “duras” do Tipo Ideal de Inquisidor Moderno são exclusivas dele. Para explicar a permanência da desmitologização nos séculos seguintes à extinção do Tribunal, é preciso lançar mão da única universalidade possível: o mito. Reconhecemos que ainda não houve, na ciência histórica, a sistematização teórica de uma visão tão aprofundada quanto seria uma mitanálise(6) histórica. Reservamo-nos, então, a opção de um caminho dentro da ciência compreensiva. Para tentar sintetizar este movimento de mentalidade dentro do imaginário inquisitorial, apresentamos um novo conceito, o de Desmitologização de Valores (7) (ver Cavalcanti, 2001).

Enquanto objeto de estudo da História, o tema *Santa Inquisição* pode ser mal compreendido e mal abordado, numa concepção reducionista com a qual buscamos romper. Sendo assim, ao recolocar o olhar sobre o objeto, estamos reformulando o modelo com o qual trabalha uma parte da historiografia que tem se dedicado ao assunto. A História, enquanto ciência, ainda sustenta fortemente o modelo mecanicista do mundo. O conhecimento que deu base a esta antiga concepção veio da Física, que já a abandonou em seus centros mais avançados. Nas ciências humanas tal concepção parece resistir mais. A “História dos historiadores” é, quase sempre, uma busca de sentidos “naturais” para explicar o homem em sociedade. Já podemos, no entanto, aprofundar o diálogo e os usos dos chamados *novos paradigmas da ciência*, que nem sempre precisam ser cronologicamente novos, diga-se de passagem. É o que procuramos fazer em nossos trabalhos sobre o Tribunal do Santo Ofício.

NOTA: Contatos com o autor pelo e-mail: casadoimaginario@uol.com.br

NOTAS EXPLICATIVAS

(1) - Antes de prosseguir, devo informar o leitor que a limitação do espaço nestes Anais leva-nos a apresentar o tema aqui com caráter ensaístico, deixando para o Curso temático no XXII Simpósio Nacional o detalhamento da pesquisa em torno do conceito que propomos.

(2) - A instrumentalização da mística purificadora da morte pelos inquisidores pode estar na base de uma tendência posterior do catolicismo, que vemos, por exemplo, no formalismo vazio a que os estudantes dos colégios católicos acorrem para agradar padres e freiras em suas exortações para o respeito à ortodoxia da fé. Referido amplamente na literatura e no cinema, este esvaziamento está presente em outras faces do cristianismo contemporâneo. Neste caso, o formal teria substituído o místico.

(3) - Weber definiu a ética de responsabilidade. Os organizadores do livro *Política, Ciência e Cultura em Max Weber* assim sintetizaram o tema: “Toda conduta eticamente orientada pode ser guiada por duas máximas diferentes: a *convicção* ou a *responsabilidade*. A convicção não é a marca do homem político, cuja ação é avaliada não por suas crenças, mas por seu resultado. Neste sentido, a ética apropriada ao campo político é a *ética da responsabilidade*, pela qual o ator responde pelos resultados da ação. Contudo, não se pode abolir da política uma cota de *convicção*. Quanto mais objetivo e racional o político, e quanto mais livre de emoções apaixonadas – de ira e de amor –, mais se aproxima da *ética da responsabilidade* e se afasta da *ética da convicção*” (Coelho, 2000, p.14 e 15).

(4) - Bethencourt (2000, p.226) refere-se às “rupturas produzidas pelos perdões e isenções concedidos pelo papa aos cristãos-novos portugueses entre 1536 e 1563 (...)”

(5) - Referimo-nos aqui, principalmente, à intensidade das pressões externas exercidas sobre os inquisidores nos períodos de consolidação (no século XVI) e de declínio (após meados do século XVIII) dos tribunais inquisitoriais modernos na Península Ibérica.

(6) - A mitanálise é um método durandiano que pretende captar as redundâncias míticas presentes no texto social. Este método busca estender para o contexto geral da vida em sociedade a análise mítica textual da mitocrítica. Já a Mitocrítica é também método durandiano, so que restrito à análise mítica de textos escritos, inclusive documentos históricos. Faz-se uma escala de leitura como se se estivesse lidando com um mapa geográfico, depois seleciona-se os temas recorrentes. Daí surgem os temas predominantes que formam mitemas compostos. Um exemplo inquisitorial de mitema composto é a pureza, presente na ascese espiritual e no fogo. A análise simbólica localiza os verbos que serão localizados na tabela que permite relacioná-los entre si e com suas dinâmicas subjacentes. Realizados estes passos, o método mitocrítico indica o retorno às especificidades e singularidades da cultura que se está estudando.

(7) - O limite de espaço deste texto para os Anais do XXII Simpósio de História não nos permite aprofundar a questão, deixando para outra oportunidade também temas de Teologia e Direito Canônico que marcaram a História do Tribunal (ver Cavalcanti, 2001), além de um paralelo com mitologemas da cultura brasileira apresentados do Gilbert Durand.

BIBLIOGRAFIA DESTE TEXTO

1. BETHENCOURT, Francisco. *História das Inquisições – Portugal, Espanha e Itália. Séculos XV-XIX*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

2. BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1992.

3. CARVALHO, José Carlos de Paula. *A Inquisição e o Problema da Alteridade: uma abordagem da Antropologia Profunda*, In: *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, volume 18/19, números 1/2, 1987/1988.

4. CAVALCANTI, Carlos André Macêdo. *O Imaginário da Inquisição: Desmitologização de Valores no Direito Inquisitorial e nas Narrativas do Medo de Bruxa*. Recife, Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (exemplar da Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco), 2001. (Contato com o autor pelo e-mail: casadoimaginario@uol.com.br)

5. CAVALCANTI, Carlos André Macêdo. *A Reconstrução da Intolerância: O Regimento de 1774 e a Reforma do Santo Ofício da Inquisição*. Recife, Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (exemplar da Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco), 1990. (Contato com o autor pelo e-mail: casadoimaginario@uol.com.br)

6. DANIELOU & MARROU. *Nova História da Igreja*. Vol. I. Petrópolis, RJ, Vozes, 1984.

7. DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente – 1300-1800*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

8. DIEHL, Astor Antônio. *Max Weber e a História*. Passo Fundo, Editora da Universidade de Passo Fundo – Ediupf, 1996.

9. DURAND, Gilbert. *Mito, Símbolo e Mitologia*. Lisboa, Editorrial Presença, 1982.

10. FRANGIOTTI, Roque. *História das Heresias (séculos I-VIII) - conflitos ideológicos dentro do cristianismo*. São Paulo, Paulus, 1995.

11. NOVINSKY, Anita e Carneiro, Maria Luiza Tucci (orgs.). *Inquisição: Ensaio sobre Mentalidade, Heresias e Arte*. São Paulo, Expressão e Cultura - Exped e Editora da Universidade de São Paulo - Edusp, 1992.

12. WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Pioneira, 1983.

_____. *Metodologia das Ciências Sociais*. Partes 1 e 2. São Paulo, Cortez Editora/Editora da Universidade de Campinas-Unicamp, 1992.